

Iago Natan G. Cortez
001202008411



**O Impacto da Socialização Virtual na Adolescência:
Uma Revisão da Literatura**

Bragança Paulista
2022

Iago Natan G. Cortez

001202008411



O Impacto da Socialização Virtual na Adolescência: Uma Revisão da Literatura

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso de Psicologia da
Universidade São Francisco, sob a orientação
da Profª. Cleonice A. Souza para obtenção de
média semestral.

Bragança Paulista

2022

SUMÁRIO

Resumo.....	04
Introdução.....	05
Objetivo.....	12
Método... ..	12
Referências... ..	14
Anexos.....	

RESUMO

Vivemos num mundo globalizado e conectado, as comunicações virtuais estão se tornando cada vez mais comuns, as comunidades virtuais apresentam uma gama praticamente infinita de nichos e ideologias a serem explorados. Dessa forma, a adolescência, período que já é marcado por turbulências e por crises de identidade, se encontra de frente com uma ferramenta capaz facilitar a procura por uma tribo na qual o jovem possa participar. Contudo, as individualidades da web podem acarretar em vulnerabilidades e ataques hostis, por conta da anonimidade assumida por seus perpetradores. Em vista disso, o presente estudo tem por objetivo investigar, a partir da revisão bibliográfica de publicações acadêmicas sobre o impacto da socialização virtual na adolescência, feitas nos últimos dez anos, assim, contribuindo com uma revisão crítica sobre a temática e sobre as consequências nos indivíduos afetados.

PALAVRAS-CHAVE: web, online, internet, cyberbullying.

INTRODUÇÃO

Relacionamentos e Internet

O ser humano é um ser social e, assim sendo, sua saúde e bem-estar está diretamente vinculada com os seus relacionamentos, dentre eles, a amizade. Esses objetos de estudo não são recentes e, Aristóteles mesmo, afirmou que existem três tipos de amizade: as amizades úteis, as amizades prazerosas e as amizades verdadeiras. Sendo apenas a última uma amizade real, na qual não se espera nada em troca e, portanto, não é temporária como as outras (Dias, 2017). Essas relações de amizade estão calcadas no amor, um benefício mútuo, e são fortalecidas pela necessidade social da natureza humana. Tanto é que, a privação de amizades é considerada uma das moléstias que o ser humano teme, estando junto das doenças e da morte (Ramos, 2020).

Contudo, não há uma unanimidade no que se refere à definição do que seria amizade, sendo esta comumente descrita como “um relacionamento entre pessoas que não são familiares, parentes ou parceiras sexuais”. Além disso, uma das bases principais para o estabelecimento de relações desse tipo é um certo nível de igualdade socioeconômica entre os indivíduos (Dias, 2017).

Nesse sentido, o movimento de globalização traz pontos positivos ao ser humano, já que facilita a disseminação de informações de acontecimentos e culturas diferentes, e facilita a comunicação, independente da distância entre os sujeitos. Dessa forma, se tornou comum que os nossos atuais amigos sirvam de “ponte” para novos amigos, sendo origem de novas amizades, sejam elas intencionais ou não. Mesmo assim, pode-se notar uma atenuação dos relacionamentos presenciais, que ocorrem no ambiente físico (Dias, 2017).

Isso acontece porque a propagação da sociedade conectada através da internet permite que o senso comum e as ideias inovadoras possam não apenas coexistir, mas também se opor, no mesmo ambiente. Ademais, a internet proporciona a democratização dos meios de comunicação, já que possibilita a criação e manutenção dos ambientes de informação tanto por aqueles que informam, quanto por aqueles que são informados. Entretanto, ao mesmo tempo que a rede está aberta aos mais diversos tipos de expressões, ideologias e valores, ela apresenta uma barreira aos novos usuários: a adaptação à sua lógica, à sua linguagem, a seus pontos de entrada, à sua codificação e decodificação: (Lima, Souza, Rezende & Mesquita, 2012).

Adolescência Online

Nos últimos anos, as novas tecnologias instigaram mudanças no modo de se relacionar dos adolescentes. O convívio social passou a ocorrer menos no ambiente físico e mais no ambiente virtual. Apesar de benefícios como a possível redução da violência e do uso de substâncias, percebe-se que os jovens estão cada vez mais distantes da realidade, social e emocional, adulta. Além disso, tem se tornado comum a disposição de tecnologias pessoais, tais como celulares, *tablets* e computadores, por exemplo, que são utilizadas para pesquisas, entretenimento e como meio de comunicação e socialização (Matos, 2008).

Isso acontece porque a internet oferece uma maneira mais fácil, rápida e ampla de inserção social para os adolescentes. Redes sociais como o Facebook e o, atualmente encerrado, Orkut, proporcionam diversas comunidades, o que contribui para a identificação e o agrupamento social. Como exemplifica Lima et al. (2012), os adolescentes podem participar de grupos com temáticas que os interessam, como músicas e séries, mas que isso

também facilita a paridade com comunidades focadas em comportamentos mais destrutivos, de forma que pode banalizar temas como depressão e suicídio, comunidades como “sou deprimido” e “não quero mais viver” normalizam essas atitudes e ideologias, já que seus participantes compartilham tais comentários, tornando-os comuns.

Grande parte dos jovens participa de várias comunidades, mas quase não interagem com os outros integrantes ou com os fóruns de discussão. Como descrito antes, por conta das oportunidades de comunicação que a internet dispõe, várias ideias e temáticas podem compartilhar o mesmo espaço e, por conta disso, o mundo contemporâneo se torna fragmentado. Isso aumenta o individualismo já que facilita o encontro de padrões com os quais os usuários possam se identificar e dificulta o estabelecimento de um código de ética absoluto que se aplica a todos os internautas (Lima et al., 2012).

Os temas mais comuns nos comentários das comunidades são: o amor (mais frequente entre meninas), sexo, amizades, humor ou futebol (mais frequente entre meninos). Outros assuntos discutidos consistem em angústias, decepções e tristeza, além de patologias “modernas” como, por exemplo, distúrbios alimentares e depressão. Ademais, muitas das conversas nos fóruns dessas comunidades se fundamentam nas fotos pessoais dos participantes (Lima et al., 2012).

Além da sua simplicidade e abrangência, outro benefício das redes sociais é o crescimento de empregos digitais. Contudo, essas características acarretam riscos, pois como a internet é o meio mais comum para se comunicar, crianças e adolescentes se tornam mais vulneráveis a pessoas de intenção duvidosa, principalmente por conta do crescimento de aparelhos eletrônicos pessoais conectados à internet (Félix, Félix, Silva, Pereira & Reis, 2019).

Cyberbullying

Os comportamentos destrutivos da humanidade globalizada está sempre evoluindo e encontrando novas maneiras de se propagar e, assim, afetar a sociedade. Uma dessas novas maneiras de ataque usado é conhecida como cyberbullying, que apesar de não acontecer no ambiente físico, ainda é capaz de impactar de maneira negativa a vida de muitos adolescentes. O termo é originado do inglês e é a união das palavras cyber e bullying, sendo a primeira utilizada para designar comunicações digitais e virtuais e segunda, como dito por Bezerra Souza, Veiga Simão e Caetano Ana (2014) citado por Félix et al., (2019), se trata de um comportamento consciente, intencional, deliberado, hostil e sistemático, sendo praticado por um indivíduo ou um grupo, cuja intenção é ferir, ou seja, o praticante dessa investida nem sequer precisa conhecer a vítima para execução do ato. Contudo, apesar de o reverberio causado por esse assunto, este ainda se encontra em estágio inicial de investigação (Félix et al., 2019).

O cyberbullying é consequência da atualidade, como está cada vez mais comum que os jovens passem mais tempo conversando e interagindo através da internet, se ocasiona uma mudança radical na maneira em que as relações interpessoais e as recreações ocorrem. De fato, isso não é necessariamente ruim, podendo até facilitar o desdobramento comunitário de indivíduos extremados (independente das causas dessa condição). Contudo, quando a conexão à internet se configura numa dependência que diminui o desenvolvimento do caráter pessoal, profissional, familiar e social da vida dos jovens, essas mudanças podem se configurar como preocupantes (Matos, 2008).

Segundo Matos (2008), na sociedade atual, a internet possibilita uma comunicação constante que desenvolve o “terapeuta ou amigo sempre aceitante, sempre presente, sempre disponível, enfim... o amigo ideal”. Contudo esse anonimato, que favorece a

criação de identidades idealizadas, permite que qualquer um possa, maliciosamente, se passar por um amigo de confiança. De acordo com Valente (2008) citado por Matos(2008), os jovens mais suscetíveis podem criar laços com esses sujeitos e depois se deparar com o luto (na possibilidade de abandono) ou com o medo (caso esses sujeitos se tornem hostis), além dos possíveis sentimentos de solidão acarretados pela falta de adultos que entendam o universo adolescente digital.

Nos casos de cyberbullying, os agressores fazem uso de um variado arsenal de métodos utilizados para atacar e incomodar suas vítimas, independente do dia e do horário. Os atos hostis podem acontecer através de telefonemas maldosos, mensagens de texto (como SMS e Whatsapp), salas de bate-papo e por meio de comportamentos persecutórios, etc (Shariff, 2011 citado por Wendt & Lisboa, 2012). Por se dar no ambiente virtual, que se amplia constantemente, esse processo acaba se expandindo, possibilitando “generalização mais rápida, provocando, por consequência, maior impacto emocional sobre as vítimas” (Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010, p. 74 citado por Wendt & Lisboa, 2012).

De acordo com o estudo de Juvonen e Gross (2008) citado por Wendt e Lisboa (2012), os ataques através das mensagens de texto são a maneira mais comum de agressão digital. Cerca de 66% dos participantes disseram terem sido vítimas de cyberbullying por meio de insultos no ano anterior à pesquisa, 33% relataram terem suas senhas usurpadas e 27% afirmaram terem sido alvos de ameaças. Além disso, 85% dos jovens afetados pelo cyberbullying confirmaram que também são vítimas de bullying nas escolas. O que reforça a ideia do cyberbullying como uma suscetibilidade que anda em conjunto com os desenvolvimentos mais comuns do bullying.

Além de investigar o domínio do cyberbullying, os pesquisadores têm voltado seus estudos sobre as repercussões e condições de vulnerabilidade e proteção ao fenômeno.

Diversas análises correlacionam a vitimização do cyberbullying com apresentações de sintomas de depressão, isolamento social, dificuldades de aprendizado e educação, queixas somáticas, etc (Wendt, 2012). Por exemplo, nos estudos de Mitchell et al. (2007) citado por Wendt e Lisboa (2012), a ocorrência de sintomas de depressão, conforme os critérios de depressão maior, foi 2,5 vezes maior nos adolescentes que reportaram serem alvos de cyberbullying.

Uma questão importante para reflexões sobre a vulnerabilidade dos jovens é a falta de comunicação com os pais ou responsáveis. De acordo com um estudo por Agatston et al. (2007) citado por Wendt (2012), chegou-se à conclusão de que os adolescentes evitam comunicar por receio de perder as liberdades, tais como celular e acesso à internet. Ademais, os jovens se demonstraram céticos na capacidade de atuação dos responsáveis em casos de vitimização eletrônica.

Internet como *Setting* Terapêutico

Além de servirem como meios para a formação de novas amizades, participação de comunidades, realizar estudos e compartilhar ideias e fotos, algumas páginas da internet podem servir como uma via para os adolescentes externalizarem seus conflitos internos. Dessa forma, a web pode servir como *setting* terapêutico, além de proporcionar fonte de conhecimento para estudiosos interessados no assunto. É fácil encontrar comentários e relatos de sintomas depressivos, tais como tristeza, solidão, incompreensão, raiva, que podem ser considerados quase como pedidos de socorro. Assim a web é capaz de se tornar um consultório *online* acessível em qualquer hora e lugar, sem precisar de hora marcada, contanto que se tenha conexão com a internet (Rosa, 2011).

Segundo Rosa (2011), especialistas nesse tipo de comportamento afirmam que existem aqueles que valem-se dos retornos, das frases de efeitos e das preocupações que suas queixas acarretam. Os adolescentes que experienciam solidão podem procurar grupos que simpatizem com o seu estado, ajudando-os a desenvolverem suas capacidades comunicativas, mesmo que para isso precisem compartilhar seus sentimentos e suas ações. Além disso, os jovens que se sentem incompreendidos encontram na internet uma maneira de comunicar seus pensamentos, sentimentos e angústias sem a repreensão do outro. Assim, as redes sociais se tornam para os adolescentes uma espécie de companhia acolhedora, um refúgio do mundo externo em que são incapazes de socializar com o desejado.

OBJETIVO

Investigar, a partir da revisão bibliográfica de publicações acadêmicas sobre o impacto da socialização virtual na adolescência, feitas nos últimos dez anos.

MÉTODO

O presente trabalho se dá através de uma revisão bibliográfica e, assim sendo, se caracteriza como uma análise regrada, ponderada e investigativa de trabalhos publicados na temática selecionada. Por conta dessa natureza, se trata de um trabalho retrospectivo, sendo construído a partir de publicações anteriores relacionados ao tema abordado que, nesse caso, se trata sobre o impacto da socialização virtual na adolescência (Galvão & Pereira, 2014).

Os termos que guiaram essa pesquisa foram as palavras: *amizade OR relacionamentos AND virtual OR digital AND adolescência*. Dessa forma, serão utilizados serviços de busca eletrônicos do Google Acadêmico (Google Scholar), a biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SciELO), além as pesquisas disponíveis no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), focadas na procura dos impactos causados pela socialização virtual na adolescência.

No que se trata da inclusão de trabalhos, serão avaliados os trabalhos feitos no idioma português brasileiro, que estejam disponíveis inteira e gratuitamente nos serviços já citados. Assim, serão investigadas publicações que se tratem das consequências do convívio virtual na saúde mental dos jovens divulgadas nos últimos dez anos.

Não serão incluídos trabalhos ou trechos de publicações focados na interação infantil ou adulta com a internet, tal como o relacionamento entre adolescentes e aparelhos

eletrônicos e digitais que não possibilitem a interação social virtual. Além disso, não serão selecionadas produções que falem sobre jogos *offline*.

Serão analisados, em caráter qualitativo, os componentes teóricos que relacionam e embasam a vida social dos adolescentes na internet e o impacto que essa nova forma de socialização causa. Dessa forma, a discussão teórica e as conclusões chegadas pelos autores serão as questões mais focadas pela análise, mesmo assim dados como objetivo de pesquisa, ano e local de publicação também serão tomados em consideração.

De início, as publicações serão selecionadas pelos seus títulos, mesmo que não apresentem, de maneira explícita, os descritores citados anteriormente. Os resumos dos artigos, então, servirão como um meio de filtrar as pesquisas e assim, contribuirão na seleção de textos adequados. Caso as publicações contenham os descritores no título, mas sejam julgados como impróprios para a revisão, estes serão desconsiderados.

REFERÊNCIAS

- Dias, L. M. (2017). Concepções de amizade reais ou virtuais dos jogadores de MMOS. *Universidad del Valle*. v. 8, pp. 01-211.
- Félix, R. H., Félix L. H., Silva, J. A. B., Pereira, F. L. S. S. & Reis, I. D. (2019). Redes Sociais Como Instrumento Para Agressões Virtuais. Retirado de https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA5_ID7727_20092019140528.pdf.
- Galvão, Taís Freire, & Pereira, Mauricio Gomes. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183-184. Recuperado em 28 de novembro de 2021, de http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&tlng=pt.
- Lima, L. N., Souza, E. P., Rezende, A. O., & Mesquita, A. C. R. (2012). Os adolescentes na rede: um reflexo sobre as comunidades virtuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(3), 2-18. ISSN: 0100-8692. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229025830009>
- Matos, M. G. M. (2008). A saúde do adolescente: O que se sabe e quais são os novos desafios. *ISPA*. v 26, n. 2 . pp. 251-263 . DOI: <https://doi.org/10.14417/ap.492>
- Ramos, F. A. (2020) Amizades reais, amizades virtuais. *Revista coletânea*. v. 19
- Rosa, N. B. K. (2011). O uso da internet como espaço terapêutico. *UFRGS*. v. 24., n. 2. DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.34795>
- Wendt, Guilherme Welter. (2012). Cyberbullying em adolescentes brasileiros. Dissertação de mestrado, Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil.

Email: iagoneitan@gmail.com